

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo II História nº 09

O Monge mendicante e o tesouro

Os desejos são comparados aos pássaros que seguem se batendo por um pedaço de carne. Mas o homem inteligente conhece profundamente os males que as riquezas trazem e não as cobiça.

Eis aqui o que ouvi dizer.

No reino de *Siu-po-to* havia um bhiksu, que percebeu um tesouro oculto dentro de um muro em ruínas. Havia ali um baú de couro cheio de peças de ouro. Ele indicou esse lugar a um pobre upâsaka e lhe disse: "Pegue as riquezas e as empregue para as necessidades de tua vida." Então o upâsaka perguntou ao bhiksu: "Quando descobristes isso?" O bhiksu lhe respondeu: "Foi hoje que eu o vi pela primeira vez." O upâsaka disse: " Não foi hoje que vi essas riquezas; eu já as havia descoberto há muito tempo, mas não me aproveitei delas. Escute-me bem! Vou te explicar os males que as riquezas trazem. Se tivesse me apropriado desse tesouro, o rei teria sabido. Então isso teria sido minha morte, ou ainda ele teria me cobrado um imposto, ou ainda teria me prendido. Males como estes (estariam a mim reservados) em número infinito!" Depois disse estas estâncias:

Desde que descobri este tesouro,
Passaram-se alguns anos.
Ele guarda um veneno violento
Que é mais forte que o da serpente negra.
Por essa razão esse tesouro
Não me inspira nenhuma cobiça.
Eu o considero uma serpente venenosa,
E não como um a fonte de riqueza.
A cadeia, a prisão ou o imposto,
Ou então a morte em um determinado momento:
Todas as calamidades
Nasceriam desse tesouro;
Ele me atrairia todo tipo de males
E me valeria infelicidade terrível:
Eis por que as riquezas
Não me inspiram a cobiça.
Todos os seres se apegam cegamente às riquezas,
E as chamam de jóias.
Mas as riquezas são perigosas e nocivas,
Em vão se colocam nelas sua confiança.
Uma vez que elas trazem tais infelicidades,
Que eu faria desse tesouro?
Nosso corpo cheio de matérias impuras,
Desde que somos dotados de membros e vida,
Caminhamos para sua aniquilação.

De que servem as riquezas?
Quando se coloca fogo em um monte de lenha,
Ele nunca se satisfaz;
Assim é o coração humano.
Seus desejos não conhecem limites.
Se você que ter compaixão de mim,
Ensine-me a lei que prescreve a ter poucos desejos;
Essas riquezas, por qual razão
Mostras-me e me falas delas?
Ter medo dos desejos e saber se contentar,
Eis o que proporciona uma grande vantagem e alegria.
Daquele que tem muitos desejos
Os sentidos estão em perturbação constante;
Sua cobiça não tem limites,
E com seus desejos sua infelicidade aumenta,
O homem que tem muitos desejos
Está constantemente pleno de pensamentos de cobiça;
Sua cobiça é imensa,
Como a goela do peixe *makara*.
Mas o homem que tem pouco desejo
Não conhece os problemas da cobiça.
Por essa razão seu coração está sempre pleno de alegria,
Ele se regozija na felicidade e no contentamento.

Quando o upâsaka teve assim louvada a lei da ausência de desejo e do contentamento com o pouco, o bhiksu foi penetrado de admiração e lhe felicitou assim: "Muito bem, muito bem! Você é realmente um grande homem. Ainda que não portes as vestes da Lei, em teu coração renunciastes ao mundo. Fostes capaz de se conformar às palavras do Buda e conheces a Lei que exige o contentamento com o pouco. Todos os Budas elogiaram a ausência de desejo." O bhiksu disse (ainda): "O que viestes de dizer significa em soma isto: sou profundamente censurável e devo estar pleno de vergonha; pois não deixastes o mundo, tens esposa, filhos, pais, escravos e servidores. Deverias estar pleno de cobiça para prover tuas ocupações. E todavia és capaz de obedecer às palavras do Buda e fazer elogio a ausência de desejo. Mesmo que um homem tivesse uma língua de ferro, ele não saberia dizer nada de mal daqueles que tem pouco desejo e que possuem o contentamento com pouco; mas eu, quis bem, raspar minha barba e meu cabelo, quis bem portar sobre meu corpo a veste da Lei como um sramana! Ordenei-te algo que traz uma multidão de desejos; não se pode nem um pouco dizer que observo a lei de ausência de desejos, cujo Rei da Lei fez o elogio. Pois (essa) Lei é a fonte de todo o bem. O Buda disse no Sutra que a ausência de desejo é o princípio do sramana.

Outrora, quando o Perfeito mendigava seu alimento, quando tinha alimento demais, tinha o costume de doá-la aos bhiksus ou ainda jogá-las na água para os répteis. Uma vez, havia dois bhiksus que não tinham podido mendigar suficiente e retornaram com fome. O Buda os viu e lhes disse: "Há resto de alimento, vocês o querem comer?" Um dos bhiksus disse: "O Perfeito, o Sublime disse que há um grande mérito em ter pouco desejo. Porque iria querer, portanto, comer esse alimento?" O outro bhiksu disse: "Encontra-se dificilmente restos de alimento do Perfeito, do Sublime. Brahma e Shakra, o rei dos deuses e os outros deuses lhes testemunham seu respeito colocando-os sobre suas cabeças. Se eu as como, minha força, minha saúde, minha eloquência aumentam. Tal alimento é difícil de ser encontrado. Por que não o comeria?" Nesse momento o Sublime vangloriou aquele que havia

recusado comer (e disse): "Muito bem, ó bhiksu! És capaz de observar o ensinamento do Buda e de praticar a lei da ausência de desejo. "Mas quanto ao outro bhiksu, ainda que tenha agido de acordo com as palavras do Buda, comendo os restos da refeição do Buda, o Buda não disse elogios à ele. É conveniente, portanto saber que o Buda designou a lei da ausência de desejos como sendo a base dos Preceitos. Depois disse estas estâncias;

Quem deseja obter as vantagens da Lei
Deve compreender o que é a ausência de desejo.
A Lei da ausência de desejos
É um colar venerável e brilhante;
Nesse mundo torna leve nosso pesado fardo,
Ela caça nossas tristezas e nos proporciona a alegria;
Ela é a porta de entrada
Na casa do grande Nirvana.
É ela que nos defende do exército de Mara
Nos caminhos e os desfiladeiros importantes a serem defendidos.
Para atravessar o território de Mara,
Ela é um passaporte sem igual.
A observância dos Preceitos é semelhante ao Oceano,
A ausência de desejos é como o refluxo.
É sobre ela que todos os méritos
Escondem-se secretamente.
Para aqueles que trabalharam
Ele é um lugar de repouso e de tranqüilidade.
Acostumar-se a ter pouco desejo
É semelhante a se bater o leite:
A manteiga, o queijo e a manteiga clarificada,
Todos saem do leite.
Assim é o homem que tem pouco desejo;
Todos os méritos saem dele.
A mão que se estende para dar,
Essa mão é chamada de mão admirável.
Mas a mão que se retira quando se quer dar
É uma mão bem mais admirável que aquela outra.
Um homem diz: "Eu te dou";
O preço dessa palavra é difícil de ser avaliado;
Mas se um homem ao qual se quer dar, diz: "Tenho o suficiente"
A avaliação é mais difícil ainda,
Se se quer obter a Lei,
É preciso se acostumar a ter pouco desejo.
O Dashabala disse que ter pouco desejo
É a Lei dos *aryas*.
Por se ter pouco desejo e pouca riqueza,
Faz-se progresso na observância dos Preceitos e na inteligência;
A lei da ausência de desejo
É o alimento espiritual daqueles que renunciaram ao mundo.
Apesar da existência do Desejo
Não podem ser atormentados.
Ela nos proporciona os regozijos do outro mundo.
Por ela obtém-se a felicidade nessa vida.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo II História nº 10

O upâsaka que se diz rico

Aquele que sabe se contentar, ainda que seja pobre, deve ser chamado de rico; aquele que não sabe se contentar em ser rico é um pobre. Aquele que tem a plenitude da ciência santa deve ser chamado de um homem extremamente rico.

Eis aqui o que ouvi dizer:

Havia um homem que injuriava um upâsaka e o chamava de mendigo. Mas se regozijava na lei do “saber se contentar” recomendada pelo Buda. O upâsaka se conformava às marcas distintivas da Lei. Ele pronunciou estas estâncias;

Não ser doente, eis o supremo ganho;
Saber se contentar, eis a suprema riqueza;
Um bom amigo, eis o melhor dos parentes;
O Nirvana, eis a suprema alegria.

Quando pronunciou esses versos, disse a esse homem: "O Buda disse que quem quer que saiba se contentar é rico. Por que me chamas então de pobre?" Depois disse estas estâncias:

Bem se quer ter todas as jóias
E todos os bens em abundância;
Se não tem fé no Triratna,
Chamarei esses últimos de pobres.
Mesmo que se seja desprovido de todas as jóias
E de todas as necessidades da vida,
Se se tem fé no Triratna,
Este se chama o primeiro dos ricos.
Reverencio o Triratna
E a fé é a minha jóia.
Por que dizes portanto que sou pobre?
Indra e Vaishramana
São ricos e possuem todas as coisas preciosas;
Mas quando se trata de fazer caridade,
São incapazes de renunciar a tudo.
Meu coração está pleno de contentamento;
Quanto as riquezas e as jóias,
Elas não me inspiram nenhuma cobiça,
Eu renuncio a tudo.
Os ricos possuem tesouros,
Eles têm coisas preciosas em grande número:
Mas a água, o fogo ou os ladrões
Podem lhes fazer perdê-las;
Quando eles as perdem,
É para eles uma grande dor.

Os melhores médicos e o mais maravilhosos remédios,
Não podem curar a tristeza.
Minha fé é a minha jóia,
Ninguém me pode roubá-la.
Meu coração está pleno de paz e de alegria,
Ele não conhece as tristezas.

Quando ele pronunciou essas estâncias, disse ainda: “É conveniente, portanto saber que bem se quer possuir tesouros, elefantes, cavalos, as sete jóias e todos os recursos para viver, se não se sabe se contentar, se merece ser chamado de pobre. Eis por que o Buda disse que aqueles que sabem se contentar são os mais ricos.” Quando os homens (que cercavam o upâsaka) ouviram essas palavras, todos clamaram: “Muito bem! Em verdade se falou muito bem. Ele possui a grande inteligência e ele merece ser chamado de herói.” E disseram entre eles: “Doravante, quando encontrarmos alguém que, ainda que não tenha riquezas, possua a fé, nós o chamaremos de rico. Reúne-se à penas, riquezas para se proporcionar o prazer. Deseja-se enriquecer sua família e proporcionar a seus parentes e amigos uma existência sem cansaços. Mas esses prazeres duram exatamente o que dura nossa vida atual. O tesouro de um coração pleno de fé nos segue nas várias existências. Entre os homens e os deuses, as riquezas libertam as rédeas à más inclinações. É conveniente, portanto saber que a fé é a primeira das riquezas. Esse tesouro que a fé nos proporciona alegria sem número durante nossa existência; por ela não se conhece a tristeza. O ouro, a prata e as jóias podem nos atrair infelicidades. Dia e noite se é perturbado e se teme que as roubem. Oito perigos as ameaçam (*Nota: a água, o fogo, os ladrões, o rei, o favorito do rei etc.*) Devido ao apego que se tem por eles, sofre-se da dor na seqüência das existências. Por se estar pleno de fé, obtém-se o tesouro dos Preceitos, o tesouro da caridade, o tesouro do Dhyana e o tesouro da inteligência. Como se poderia obter semelhantes tesouros sem se ter a fé? Eis porque o tesouro da fé é o primeiro dos tesouros. Eu possuo esse tesouro e diante dos homens eu me declaro rico. No passado, acumulei bons karmas: devido a isso cheguei agora ao contentamento, e em seguida a fé que preenche meu coração.” E disse estas estâncias:

Aquele que tem o coração pleno de fé
Não conhece nenhuma má ação;
Todas as virtudes
Tem por agente, a fé.
A fé é semelhante a um rio ou uma flecha
Na correnteza ou em um vôo rápido:
É por ela que nosso pensamento
É levado rápido à boa Lei.
Qual daqueles que possuem numerosos tesouros
Podem se igualar àquele que tem a grande riqueza da fé?
Aquele que possui as grandes riquezas,
Se ele as perde, torna-se pobre,
Ou quando chega o final de sua vida,
Ele as abandona e parte sozinho;
Elas não o seguem em outra existência.
Mas o tesouro da fé não se perde,
Sem cessar, ele nos segue,
Através dos kalpas ela nos proporciona felicidade.
Os homens do mundo reúnem tesouros
Que os preenchem de cobiça;
Não é assim para o tesouro da fé

Cuja visão nos preenche de felicidade.
Entre todos os tesouros,
O tesouro da fé é o mais precioso.
Isso é explicado pelo *Muni*.
Eis porque não sou pobre,
Pois a fé é o mais precioso dos tesouros,
E os outros tesouros não merecem ser chamados assim.
Somente a fé é o verdadeiro tesouro,
Pela fé e a prática da caridade
Nossas riquezas aumentam;
Aquele que não tem a fé e não pratica a caridade,
Esse receberá uma recompensa bem pequena.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo IV

História nº 17

A mãe dos Arhats que não queria pagar a alfândega

Quando em uma disputa, ouve-se o nome de alguém que rompeu os Elos, o assunto da disputa é resolvido. O homem que deseja ser honrado deve vencer todos os kleshas.

Eis aqui o que ouvi dizer:

Havia uma velha senhora que havia entrado na floresta para colher folhas da árvore *po-lo (palâça)*, cuja venda constituía seu ganha-pão. (Ao retornar) seu caminho a conduziu próximo do posto de alfândega. Os duaneiros impuseram a ela um imposto. A velha senhora não quis pagá-lo e disse-lhes: “Vocês podem me conduzir ao rei; e então vocês obterão o pagamento; se não jamais os pagarei”. Os duaneiros, após terem discutido entre si, foram ao palácio do rei. O rei perguntou a velha senhora: “Porque você não quer pagar o imposto?” A velha senhora disse ao rei: “Por acaso rei conhece o bhiksu fulano?” O rei disse: “Eu o conheço, é um grande Arhat”. Ela perguntou ainda: “Será que o rei conhece também um segundo bhiksu fulano?” O rei disse: “Eu o conheço; é um grande Arhat”. Ela perguntou novamente: “O rei conhece um terceiro bhiksu fulano?” O rei respondeu e disse: “Sim, é um grande Arhat.” Então a senhora disse ao rei em voz alta: “Esses três Arhats são todos meus filhos. Todos esses filhos, são honrados pelo rei e eles tem o poder de assegurar uma felicidade sem limite; eis então o que se chama pagar seu imposto ao rei. Porque queres portanto me extorquir ainda um imposto?”

Ouvindo isso, o rei foi penetrado de uma alegria inexprimível. (Ele disse): “Bem, bem! Ó velha senhora! Ocorreu de colocar no mundo três filhos veneráveis. Em verdade, de nada sabia. Se tivesse sabido que esses três Arhats eram teus filhos, eu não poderia ter faltado em ter provar meu respeito e minha veneração” Lá abaixo, a velha senhora disse os seguintes versos:

Coloquei no mundo e eduquei três filhos,
Por suas forças, superaram os três mundos:
Todos se tornaram Arhats
E são para o mundo, um campo de méritos.
O rei, lhes mostra seu respeito
Obtém deles mérito no lugar de imposto:
Porque então quer ele ainda
Arrancar-me como imposto o que possuo?

Quando o rei ouviu esses versos, os pêlos de seu corpo eriçaram-se. Seu coração preencheu-se de fé e de respeito em versos do Triratna. E disse aos prantos: “Convém honrar e respeitar essa senhora. Como poderíamos impor um imposto sobre seus bens?” Depois o rei disse os seguintes versos:

A partir de hoje
Vós, ó velha senhora,
Que deu nascimento a filhos que salvam os três mundos,
És digna que vos honre.

Não permito que te imponham um imposto sobre seus bens,
Todos devem te respeitar.
E se tens amigos,
Que seus camelos, suas mulas e carroças,
E todos os objetos preciosos que eles possuam,
Em teu favor, ó velha senhora,
Sejam isentos de impostos.
Por mais forte razão, como essa velha senhora,
Que só faz vender folhas de árvore,
E que não tem outros recursos,
Poderia ser abatida por impostos?
Se as cavernas de minhas montanhas
Onde (religiosos) viveram, praticaram a Via,
E ali se esforçaram,
Romperam os Elos e obtiveram a destruição de más inclinações,
Se esses locais merecem que eu os respeite,
Que os adore e os venere,
Quanto mais ainda essa velha senhora
Que soube dar a vida a santos filhos.
Ela tem direito a minha veneração!